

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



ASSIGNATURAS: CONTE.		PROPRIETARIO	ASSIGNATURAS: PROVINCIAS.	
ANNO	88000	ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARÃES	ANNO	98000
SEMESTRE	48000	REDACTOR	SEMESTRE	58000
TRIMESTRE	28500	ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO	TRIMESTRE	38000

As assignaturas são pagas adiantadas. Avulso 200 rs.

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia — Rua Nova do Ouvidor n. 9 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadosa n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approuvado pela redacção. 50. 00

ARCHIVO LITTERARIO

Duarte Ribeiro de Macedo.

Nasceu o illustre portuguez Duarte Ribeiro de Macedo na villa do Gadasal no anno de 1648. era filho de Fernando Duarte, e de D. Maria de Abreu. A natureza benéfica o ornou de agudo engenho, e de claro entendimento para os estudos maiores, recebendo o grão de mestre em

philosophia na universidade de Evora, e o de bacharel em direito na universidade de Coimbra. Servio com exemplar rectidão e affabilidade os lugares de juiz de fora da cidade de Elvas, e de corregedor da Torre de Moncorvo, passando depois a desembargador da relação do Porto, e em 1668 a desembargador dos agravos da relação de Lisboa.

O seu profundo talento, cultivado com as lições da historia sagrada e profana, e nas maximas dos mais celebres publicistas

o habilitou para ser secretario da embaixada que a sua magestade christianissima Luiz 14.º mandou D. Afonso 6.º, pelo primeiro conde de Soure, D. João da Costa. Restituído a Lisbon no anno de 1660, foi Duarte Ribeiro nomeado enviado ordinario junto a corte de França; e no 1.º de março de 1663 alli foi recebido com mostras de grande alvoroço, pelas saudosas recordações que se conservavam da sua natural benevolencia e judiciosa conversação. Depois de se consaxar nove annos em

FOLHETIM

THOMAZ E MARIA.

Existia em 1856 na Ilha de... uma modesta e rustica habitação, propriedade de um homem que exercia o emprego de jardineiro em casa do governador da mesma ilha.

Este homem teria 50 annos em seu rosto achava-se gravada a expressão de uma magnanima bondade, possuia maneiras affáveis, um coração generoso, e um amor inextinguivel por sua filha, que então contava 18 annos. Maria era o seu único amado de consolação e esperanza, era em seus braços que o pobre pai achava repouso para o arduo trabalho e fadigas do dia; todas as vezes que o pobre ancião apertava sua filha nos braços, e que lhe imprimia um osculo paternal na fronte, seu peito transbordava de satisfação.

Maria era uma moça robusta e ingenua; grandes madeixas de castanhos castanhos adornavam seu lindo collo alabastrino, faces rosadas, nariz aquilino e grego, os labios finos e asselinados, o bem torneado de suas mãos, e a esmerada delicadeza de sua cintura a tornavam a rapariga mais formosa da ilha a quem todos os rapazes rendião culto.

Maria a todos olhava com indifferença ou desdém, a excepção de Thomaz filho de uma illustre familia, a quem ella amava. Este moço foi creado com ella: desde pequeninos passaram juntos os primeiros annos da juventude, divertião-se nos mil innocentes folguedos da infancia, e quando aos adolescentes annos do outono, succedeu a primavera da mocidade: Maria reconheceu que a essa amizade succederia o amor; ella que até ali ignorava essa palavra, pelo

forte palpitar do seu peito quando Thomaz a comprehendeo: era um amor puro de virgem, nascido e acalentado em seu seio, que tinha crescido em seu coração como es primeiros annos da vida com todo o vigor da mocidade.

Seus paes o comprehendierão; e todos dous se oppozierão contra esse amor, que prophetisavão seria fatal.

6 de Maria porque reconhecia a distancia do nascimento de sua filha e que podia d'ahi resultar a sua seducção e a deshonra de seu nome: o de Thomaz em querer unir seu filho a uma rapariga do triste e humilde condicção.

Thomaz correu a pedir a seu pae, animado pelo amor que este lhe consagrava, o consentimento para desposar Maria, porem seu pae o repellio com indignação. Elle então foi perto de sua amante soffocado pelo pranto que lhe entrecortava a fallia e lhe diz: — Maria nossos paes

querem matar-nos fazendo a nossa separação quando nós ainda poderemos ser felizes; que nos impedia os obstaculos e a cohera de nossos paes, se heos abençoar este amor tão santo e puro como as tuas altas vestes de virgem; faze-nos para um lugar ermo... para um pequeno exilado, donde não chegue o bulicio dos homens, donde não tenhamos por testemunhas de nosso amor, christianizadas agãos do campo, o som agreste da harmoniosa fadada do pastor, aragem da brisa agoutando as petelas por cima de nossas cabeças, e os maviosos canticos dos emplumados cantores dos prados. Oh! Maria! así seremos completamente felizes.

— E meu pae? queres que deixe meu pae, entregue a dar e ao desespero, e que em troca da virgindade e da honra, lhe deixe um nome manchado, e coberto de opprobrio? Disse Maria apertando quasi louca pela emoção Thomaz junto de seu peito.

Escuta Maria, eu te juro pelas estrellas que agora circulão no firmamento, que não mancharei o nome de teu pae, porque em brexe elle será meu, disse Thomaz passandolhe seus braços na dedicada cintura de Maria, dos quaes ella não buscou fugir.

A lua que até ali se ostentara como rainha da noite, foi encolhida por um véo de nuvens, para não encetar a scena d'um anjo do Senhor: d'uma virgem, cuja corda de alvos botões virginaes de laranjeira,

França, aonde sempre zeleu os interesses de Portugal, passou com o caracter de enviado extraordinario á corte de Madrid, aonde desempenhou as obrigações de sua alta missão com grande dignidade e saber. Sendo mandado a exercitar o mesmo cargo na corte de Saboya, ao entrar na cidade de Alicante enfermou tão gravemente, que conhecendo ser chegado o termo da sua vida, recebeu os socorros da religião que lhe ministrou o bem conhecido varão distincto na republica das letras pelas suas obras, o padre D. Raphael Bluteau. Falleceu Duarte Ribeiro de Macedo no dia 10 de julho de 1680 tendo 62 annos de idade. Foi cavalleiro da ordem de Christo, conselheiro da fazenda, e do conselho d'el-rei. As suas obras o fizerão ter em conta de poeta nao vulgar, e de historiador elegante. O seu estylo é claro, discreto e agradável. Entre as obras que publicou avulta, *O seu Juizo historico e juridico sobre a paz celebrada entre as corôas de França e Castella no anno de 1660*. Como genealogico elle faz tambem honrosa menção o padre

D. Antonio Caetano de Sousa, quando allude á genealogia do conde D. Henrique, que Duarte Ribeiro de Macedo escreveu.

(Da R. P.)

LITTERATURA

Gastão e Isabel

(Continuação.)

— E' possível ! exclamou D. Isabel.

— Sim, senhora ; elle vive, e está livre, respondeu Pedrillo ; se eu aceitei a missão de D. Gusmao, foi para melhor a poder servir.

E dizendo estas palavras, elle apresentou a D. Isabel uma carta de D. Gastão, que continha os mais sagrados juramentos, e em que lhe assegurava que o odio do pai nao fazia senão augmentar o seu amor.

Pedrillo contou-lhe então os meios de que se servira para salvar D. Gastão : tinha-o feito evadir disfarçado, e um manequim enterrado á pressa no fosso

do castello passou pelo cadaver de D. Gastão.

— « Agora, continuou Pedrillo, é preciso que me acompanhe, para ir ter com o seu amante, que a espera em Barcellona ; dalli partiremos para Napoles, onde elle tem um irmão, que é vallido do vice-rei, e com a sua protecção tudo se comporá. »

D. Isabel passando de uma extrema desesperação a uma extrema alegria, duvidou todavia por algum tempo do que Pedrillo dizia.

— « Tu enganas-me, lhe disse ella : nem poderias tirar-me daqui, porque tudo o impede. »

— Nada, pelo contrario.

— Meu pai deve fazer a tua fortuna,

— Elle assim m'o tem promettido muitas vezes ; mas não trata de o fazer ; em quanto que D. Gastão cumprio logo o que me prometteu : além disso eu não quiz ser assassino.

— E esta mulher, a quem estou confiada ?

— Senhora, essa mulher não nos pôde impedir a fuga. »

D. Isabel correu ao quarto da velha,

ia ser calcada pela sedução, ficando-lhe em troca por véo de noiva, apenas um lenço humedecido de lagrimas.

Um anno depois essa desgraçada jovem achava-se no Rio de Janeiro.

A felicidade não lhe havia sido tão propicia como ella o esperava !... apenas gozou alguns mezes de completa felicidade... Thomaz esse mancebo que ella havia louca e cegamente amado, já não existia : havia deixado a terra sem cumprir a sua promessa, deixando nos braços de Maria uma innocente filha do crime, que esta abandonou deixando-a só e á mercê da desgraça.

Maria ! essa filha do infortunio em lugar de procurar um refugio abraçada como Magdalena aos pés da cruz, desse madeiro symbolo da religião !... lançou-se no seio do lupanar, afogando o soffrimento no licor da orgia, enxugando as lagrimas nos lascivos beijos em recompensa da prostituição... tornou-se uma mulher perdida... ainda assim no ruido desses folgedos, uma recordação triste, presidia a alegria, e então o pranto algumas vezes lhe vinha orvalhar as faces.

Foi n'uma dessas horas de tristeza que um moço pôde contemplar esse rosto melancolico, triste e abatido pelo soffrimento ; desde então uma luta immensa de continuo agitou seu peito : o pejo desapareceu-lhe

das faces, para ser suplantado pelo amor, delirante e extremo, puro e santo, como aquelle que brota no peito, pelo sentimento da desgraça e compaixão. Amava Maria ; por ella havia deixado os prazeres, as companhias e a sociedade ; o desgraçado Henrique que sentia cada vez seu peito mais incendiado por Maria, esta só lhe respondia com um sorriso amargo de gratidão ; e com a frieza de seu coração de gello, como aquelle que só amou uma verdadeira vez na vida.

A saudade da filha, e de estar perto do tumulto daquelle que ella tanto amara, a fez voltar a patria : tomou passagem na Galera *Luzitana* ; o joven a acompanhou como o anjo que esperava levar a seu peito a consolação.

No fim de uma feliz viagem, chegou Maria á terra d'onde pouco tempo antes sahira. O primeiro dia foi para sua filha-nha, o segundo para orar na campa daquelle que ella tanto amou... dirigio-se ao cemiterio. Henrique a seguia com o coração comprido de anciedade, e com as lagrimas nos olhos !... Ella ajoelhou na lagem do tumulo... Henrique escutava.

Anjo fugiste, só a mim deixando...

Aqui lutando ! em acerba dôr !...

Eu vou seguir-te, e no'ssa filha bella Roga por ella no céu ao Senhor.

Faz hoje um anno que a terra fria ! De mim desvia... teu amor querido... Já deste mundo eu cumpri meu fado, Vou a teu lado encontrar abrigo.

Espera um pouco... só mais um alento, E n'um momento... eu serei contigo ; Deixo a terra com grande prazer Por vir morrer neste teu jazigo.

Recebe esta alma, que pr'a ti nasceu, Que breve ao céu se te vai juntar : Agora... espera... neste beijo ardente... Minha alma sente... para ti voar.

Approximou os labios ao marmore do tumulo e assim permaneceu por longo espaço.

Henrique levantou-se assustado e correu para ella gritando, Maria !... Maria !... E tendeu os braços para a levantar, estava fria ! immovel ! como labios collados na sepultura do amante !... já não vivia.

Henrique fugio desorientado e louco, sumindo-se por entre a escuridão dos negros cyrestes.

Ao outro dia um pobre velho abraçava o cadaver de uma mulher, a quem chamava filha, e o povo da ilha contemplava um cadaver, arrojado pelas bravias ondas do mar á praia, no qual reconheceo ser o do joven Henrique.

Arnaldo Molariuho.

e viu que dormia profundamente sobre uma poltrona.

— « Póde chegar-se bem ; disse Pedrillo ; ella não acordará. »

A joven senhora lançou sobre o antigo pageim um olhar de suspeita, que elle comprehendeu.

— Um pouco de opio, lançado n'um copo de vinho de Xerez, foi bastante para a pôr nesse estado, e durante duas horas ella nada saberá do que se passa. Venha senhora D. Isabel, não perca a occasião, que tanto me ha custado a preparar. »

A filha de D. Gusmão não fez mais objecção; seguiu Pedrillo, e ambos descêrão por uma escada occulta, chegarão ao jardim, de que uma chave falsa lhes permittiu sabir a ultima porta. Dous cavallos tinham sido preparados pelo diligente Pedrillo, e ali os esperavão promptos a partir. Todavia, antes de montar a cavallo, D. Isabel hesitou ainda: confiava-se a um homem, até então estimado de seu pai, e de quem sabia todos os segredos ; e poderia ella confiar na sua fidelidade ? Demais, uma menina nunca abandona a casa paterna, quaesquer que sejam os maos tratos que ali tenha soffrido, sem grande custo e repugnancia. Comtudo o amor venceo; D. Isabel julgou, que a tyrannia de seu pai desculpava o seu procedimento, e nesta convicção montou a cavallo e metteu a galope. Seguirão a estrada real até ao amanhecer, então entrãrão por um bosque, cuja espessura e escuridão favorecia a sua fuga, mas que mais de uma vez enchêro de terror a D. Isabel.

— Tendo andado dez ou doze leguas, Pedrillo parou, e escolhendo um lugar que lhe pareceu deserto, declarou que os cavallos tinham necessidade de descanso, e que elle mesmo queria descansar e comer. Apeãrão-se, assentãrão-se sobre a relva do bosque, e Pedrillo tirou do seu bernal algumas provisões que levava. . . De repente o criado infiel tomou um ar familiar, e manifestou em suas maneiras e olhar atrevido projectos offensivos do pudor de sua joven senhora.

— « D. Isabel, lhe disse elle, estamos perdidos, e julgo que não poderemos achar outra vez o caminho, senão amanhã pela manhã. »

(Continua.)

A perdida.

Mulher! ainda hontem a virginal corôa de gentis rosas enfeitava teus linhos cabellos, apezar do teu vestido branco que era tão simples e da assetinada fita da mesma côr, com que apertavas, com graça a tua flexivel cintura; tinhas mais enantos que hoje, com esse vestido de mesclada seda, e com esse collar de linas pedras que ornão o teu alabastrino seio! é porque essa corôa era o symbolo da tua virgindade, e esse vestido parecia demonstrar que os teus pensamentos erão fãr ingenuos e puros como a sua alvura! o hoje tudo é ao contrario!

Ah! desgraçada! Compras-te toda essa magnificencia a custo da tua honra! essa virginal corôa já não existe; foi desfolhada folha a folha pelo vendaval da prostituição, e se ainda uma petala existe achá-se no local do vicio, pizala pelos pés dos viandantes. Ah! desgraçada! porque assim trocaste a tua innocencia, em que te embalsavas em os doces sonhos de ventura, pela triste condicão em que existes (se não é mais proprio dizer em que vegetas) ah! comprehendo é porque eras pobre, e assim julgavas te infeliz, e por isso almejavas, ouro! ouro! porque julgavas que nesse ouro encontrarias a felicidade, sem te lembrares desgraçada! que ao commetteres esse nefando crime fazendo murchar essa tão linda flor, que Deos tinha-te confiado, praticavas dous: porque tua mãe, não podendo supportar a deshonra, desesperada, e louca, corre, voa a procurar um asylo, onde possa-se esconder aos olhos da sociedade, onde sua filha apresenta-se trilhando a estrada da prostituição: a febre ardendo em suas veias faze-a delinhar pouco a pouco, sente finalmente que vai cahir o ultimo grão de areia d'ampulheta da vida, lembra-se que sua filha é a causa da sua morte, e por isso vai amaldiçoá-la, levanta-se febricitante do leito em que jaz, alça a voz e exclama Maldi! . . . Não póle continuar a voz da natureza faz-se ouvir mais alta que a do desespero, e grita-lhe aos ouvidos filha! . . . filha! . . . Não tem animo para continuar e deixa-se abatida cair, pela lucta que sua alma acaba de passar entre a natureza, e o desespero; depois levanta-se resoluta cae de joelhos perante o Crucificado e exclama: Senhor! vós soffrestes muito pelos homens, mas no momento de entregares a alma ao vosso Eterno Pai perdoaste aos vossos algozes, dando desta arte o exemplo para que perdoassemos tambem, a mesquinha é minha filha. Perdoai-lhe como eu lhe perdô! . . .

Não pode dizer mais, seu corpo cae inanimado perdoando a sua filha causadora da sua morte! . . . A natureza mais uma vez tinha vencido! . . .

(Continua.)

J. A. Rodrigues Senago

Um episodio da vida de Lord Byron.

(Conclusão).

— Com que accento lugubre me acabas de fallar disse ella, levantando-se tremula de colera. . . .

Tentei sorrir-me, mas a ciosa hespanhola, tinha-me comprehendido de sôbra. E' mister que seja franco convosco, amigos, desta vez erão justos os seus receios.

A mulher do *Tambolerero*, calculou qual a scena que se seguiria apenas seu esposo soubesse que ella me amava, e considerando ao mesmo tempo o que eu com a minha inconstancia costumava praticar com as mulheres, e ainda desta vez julgando o que por muitas vezes havia feito, entendeu que devia pôr termo a isto de uma maneira violenta o que ora vos contarei.

— O que julgaes, faria ella? —

— Fugir comigo, provavelmente (disserão os amigos de Byron).

— Não, não advinhaes. . .

Mas, disse o poeta, correndo a mão pelo rosto, onde estava descrita uma tempestade, isto é horrivel! . . .

Apontou ao mesmo tempo os copos e disse:

— Desta vez consintereis que eu vos offereça a minha taça, para que bebaes por ella — *Ytan ou Byron!* . . . disserão os condiscipulos deste bebendo cada um por sua vez.

Aquelle, por ultimo, tomou a taça, e de um jacto lançou o liquido no estomago. Reconhecia-se que este homem extraordinario ia fazer um dos maiores sacrificios, talvez porque houvesse passado em sua vida. Os seus amigos esperavão ansiosos e em profundo silencio, o desenlace deste drama.

— Foi n'um sabbado, continuou, vespêra do dia em que eu com Casilda tinhamos tido a conversação que vos hei referido, quando serião 8 horas da manhã, acordei ouvindo muitas vozes, e ao mesmo tempo acompanhadas de exclamações atterradoras de envolta com o arruido de passos semelhantes aos de pessoas que vão e vem. Toquei a campainha primeira e segunda vez, sem que o *Jockey* que costumava servir-me, acudisse ao meu reclamo. Estava prestes a saltar da cama, quando afinal me appareceu. . . Ah! senhor que grande desgraça! . . .

— Que ha de novo? perguntei um tanto agitado, á vista do estado em que via o meu creado e tendo ouvido sem interrupção o estrondo que vos fallei.

D. Casilda, assassinou esta noite o seu esposo!

— Que dizes, estás louco?

Oxalá me disse o *Jockey* soluçando, que fosse verdade o que nesta occasião me dizeis.

— Eu estava n'uma cruel incerteza, pa-

recia-me isto um sonho, outras vezes julgava que o meu creado estava fóra, como se costuma dizer, do seu estado normal de idéa. Levanto-me, visto um chambre, saio do quarto e dirigi-me para o lugar que me indicara.

Céus! que vejo? era desgrazadamente verdade. O *Tamborero* jazia no soalho banhado no seu próprio sangue que ainda lhe corria em fio de uma punhalada que recebera no coração. O estado em que me retirei desta scena de dôr, não vol-o posso descrever. Para abreviar a minha narração dir-vos-hei que foi ella condemnada ao supplicio do *garrote*, na véspera do dia mandou-me uma rosa encarnada. Voltei-me para o *Jockey* e digo-lhe, «compra por todo o preço a cabeça que hoje tem de ser separada do tronco.»

— Não me atrevia, a fallar no nome daquelle que tanto havia feito, a ponto de sacrificar a sua para salvar a minha vida.

O meu *Jockey*, cumprio religiosamente quanto lhe determinei.

No dia seguinte, ao daquelle em que tinha corrido o prego na plaza mayor, em que foi Casilda decapitada, me apresentou a cabeça della. Finha-a comprido por um preço exorbitante que se vol-o disser, tál o-heis por fabuloso.

Mandei-lhe cerrar o cráneo, pulit-o, e collocar o sobre um pé de prata, desde essa epocha para cá, é o meu côpo predilecto, por onde bebo, e o objecto inseparavel que me acompanha por toda a parte tanto de dia como de noite.

George Lara, e Jaime, tinham chegado ao mais alto grão de agitação e exclamaram horrorizados — Byron, fizeste-nos beber pelo cráneo da vossa amante!...

— E' verdade, disse o poeta, calando para troz, no auge da embriaguez e do delirio.

José Antonio Fernandes da Fonseca.

POESIAS

Não quero te amar.

Tão joren ainda na flor de teus dias
Já sabes também ingrato fingir?
Com falsos sorrisos a esse a quem amas,
Ainda tão cedo já tu queres trahir?

Out'ora, oh! ingrato a ti só amava
Por ti eu somente sentia paixão,
Mas hoje detesto de todo esse amor
Porque só em ti vejo ingratidão.

Amel-to é verdade! mas foi um engano!
Eu não conhecia esse teu coração,
Se quer nem ao menos julgar eu podia
Que inda tu não ceddo ouvesse tração.

Por isso eu não quero a ti nem mais ver,
Para sempre só quero o desprezo te dar,
Fugir do teus olhos é só meu intento,
Que assim como és — NÃO QUERO TE AMAR.

T. C. Castello-Branco.

S. Christovão.

A pedido de um nosso assignante transcrevemos a seguinte poesia do *Casne*, ei la:

ANDORINHAS.

O que tens, linda andorinha,

Que te vejo só piar?

Já te julgas viavinha

Por teu idolo não chegar?

Espera, lindo bichinho,

Tou marido não morreu;

Eu te dou teu maridinho,

Quem o tem prezo sou eu.

Abre as azas, passarinho,

Por que me causas já dôr;

Vai beijar teu amorzinho,

Que suspira por ti só.

Reparai vós, oh amantes,

E vós, cazadas, também.

Dois bichinhos tão constantes.

Vosso espelho o vêde além!...

*Campo. os * □ José Corrêa Penada.*

PALESTRA

— Foste fiel á tua promessa em não fallares hoje, como disste.

— E' verdade, se bem me ricordo, prometti vir te visitar hoje, o que fielmente cumpri.

— O mesmo não fizeste para com a redacção do *Archivo Litterario*, porquanto não escreveste a — *Chronica da Sociedade Philothalia*, que teve lugar sabbado 31 de Outubro.

— E' justa essa arguição, porém tu me desculparás com o digno redactor, dizendo-lhe que não assisti a essa recita, o que já mais escreverei por falsas informações, porquanto eu sou como S. Thomé, ver para crer, e junto a isto tendo por divisa a imparcialidade, não me animei a escrever por supposições.

— E como vai a Associação Dramatica de S. Pedro, Gymnasio, S. Januario, Santa Carolina, Circo Olympico e tudo isso que tu tanto costumás frequentar?

— Não me falles agora em theatros; para domingo hei de metter em tudo o meu *bedetito*, até não me ha de esquecer Alcazar, Eldorado, etc., etc. Por agora vou fallar-te de bailes.

— De bailes! pois tu tornas de novo a frequentar esses bicos?

— Gosto de vez em quando apreciar da maneira que a nossa policia encara com calma e socego esses focos de desmoralisação e do vicio, esses lupanares, que teem sido a ruína, desgraca e infortunio de tantos moços inexperientes, que se deixão arrastar e seduzir por um prazer que julgão delicioso e que afinal os leva e conduz pela estrada do opprobrio até os submergir no asqueroso abismo, onde a desnaturada mãe arrasta sua filha, entregando-a nos braços da prostituição, quando está sente a mente escaldante pelo licor da orgia h... laes como *Caçador* (mas caçador de nova espe-

cie) e *Oriente* sem *Estrella*, onde quasi sempre, no calor e ruido do baile, ha frequentes brigas que seus donos teem o cuidado de abafar, com os sons *bellicosos* musicas para illudirem a nossa policia.

— E' verdade, porém esperamos que o nosso digno chefe de policia, o Sr. José Caetano de Andrade Pinto, porá cobro a taes casas, que o proprio estrangeiro admira no meio de um paiz culto e civilisado.

— O mesmo não posso dizer de Santa Thereza (ainda que vá com este nome profanar uma santa danossa religião), porque allí reina sempre muita prudencia, boa ordem e cavalheirismo em seus frequentadores, que todos são rapazes decentes e que muito honrão a casa que frequentão. Alem disto, é um lugar solitario e sublime, onde se pôde passar uma parte da noite entregue a um folguede innocente, o que não se encontra aqui no meio da cidade.

Fui algumas vezes á Santa Thereza e não desgostei, e confesso-te que o que mais me captivou, forão as maneiras affaveis do dono da casa e da Madama, senhora digna de nossa coadjuvção, sim de nossa, porque eu tambem tenciono ir até lá, hoje, comtigo.

— Pois bem, seja. Agora sabes que o redactor do *Archivo Litterario*, suspendeu ou vai suspender mais de 100 assignantes, visto que o jornal está no fim do trianestre e não lhe teem pago, sendo a condição do programma assignaturas pagas adiantadas, porém dis-e-me que se vinga espichando os nomes de todos que se inscreverão na — *Palestra*.

— Tenho uma novidade para te contar á ultima hora, visto que já te levantas para te ires embora. Aquelle celebre Machado logrou o barbeiro que tinha proga da espertalhão: enquanto elle sabiu por o-bahú e toda a cararia na rua, deixando-lhe só ficar, como refens, a velha cama, para pagar os...

— Cata-te, olha o feize de lenha e a pena de *escritor publico*!

— Qual eu sei que elle tem uma correspondencia contra o redactor do *Archivo*, e que a não tem publicado por falta de cobres, e podes dizer-lhe se fallares com elle que o mesmo redactor tem taes instantos de alma, que lhe dá publicidade gratis no seu jornal.

— Bem, e eu tenho para lhe dar a publicar um soneto do distincto e sublime poeta, Pereira de Abreu. Adeos Jorge logo de noite por aqui venho.

— Sim, mas para a palestra até domingo.

— Sim até domingo.

Rogamos aos nossos assignantes que ha-jão de mandar satisfazer suas assignaturas, para não soffrerem interrupção, lembrando-lhe que uma das condições da nossa folha é assignaturas pagas adiantadas.

Explicação da charada do numero antecedente.

Da 1.ª é Pitagora; e 2.ª é Senado.

Typ. Popular, rua Nova do Ouvidor n. 9.